

**Lembrança da Saracura, Saudade do Cordão:  
transformações no carnaval paulistano (1950-1968)**

LÍGIA NASSIF CONTI\*

Importante espaço de criação e difusão do samba paulistano, o festejo carnavalesco conheceu diferentes facetas na São Paulo de outrora: do entrudo e dos bailes de máscaras de final do século XIX às escolas de samba, que proliferam na cidade a partir de final dos anos 1930, passando pelos blocos de fantasiados e outros festejos de rua como os cordões ou os mais aristocráticos cursos da Avenida Paulista, a diversão do Momo se fez presente nos mais diversos bairros da cidade. A partir dos anos 1950, os festejos carnavalescos ambientados nas ruas da cidade – sejam os festejos dos bairros operários, sejam dos bairros com população predominantemente negra – sofrerão transformações em virtude do intenso processo de metropolização que São Paulo vive nesse meados de século. Mais propriamente com relação aos festejos negros (que trazem o samba ou a “marcha-sambada” como ritmo de seus cortejos), importa destacar que nesse mesmo momento em que sambistas e dirigentes buscam encontrar seus espaços na cidade, percebe-se explicitada em seus depoimentos uma comparação entre o folguedo carnavalesco paulista e o carioca.

Nota-se nos depoimentos de dirigentes dos primeiros cordões e escolas de samba de São Paulo, como Dionísio Barbosa ou Nenê da Vila Matilde, por exemplo, que a festa carioca teria sido a principal motivação para a criação de suas agremiações carnavalescas. Alberto Alves da Silva, conhecido como São Nenê da Vila Matilde – que em 1949 funda a escola de samba que leva seu nome e em 1956 viaja para o Rio de Janeiro, de onde traz nova inspiração para o carnaval paulistano –, fala entusiasmado sobre suas impressões a respeito dos desfiles de escola de samba no Rio, comparando-os com os desfiles de São Paulo, e declara sua admiração aos “primeiros carnavalescos”:

*[Em São Paulo] Nem a escola canta na rua, e nem os cara canta de volta.  
[...] Não é isso, é pra cantá junto. Então precisa pegar o modelo do Rio. Por  
isso eu sempre copio o Rio de Janeiro. Eles são os primeiros carnavalescos.*

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

*Então dá gosto de você ir no Rio. Cê vê a bateria comê lascado quando vem, e a platéia inteirinha tá cantando o samba. (Depoimento de São Nenê da Vila Matilde concedido em 1981, LAHO/CMU)*

Também São Livinho, um dos fundadores do cordão carnavalesco Vai-Vai, declara como o Rio de Janeiro serviu de molde para os desfiles de São Paulo, em especial nos primeiros tempos das escolas de samba:

*Porque o sambista no Rio de Janeiro era muito mais que aqui. Era, agora não. Que agora que São Paulo tá comparando com o Rio de Janeiro. Mas os sambistas, antigamente, era tudo de lá, os melhores sambistas saía do Rio. Agora, São Paulo começo a copiá e hoje são tudo igual (Depoimento concedido em 1978, LAHO/CMU).*

Mesmo Dionísio Barbosa, fundador do primeiro cordão, forma de folia tipicamente paulistana, declara ter buscado no Rio de Janeiro alguma inspiração, quando lá esteve em 1910. Nessa ocasião, Dionísio conheceu os ranchos, forma de divertimento carnavalesco na cidade de início do século. De volta a São Paulo, quatro anos depois, criou o Grupo Carnavalesco Barra Funda, que ficou mais conhecido como Camisa Verde, primeiro cordão carnavalesco de São Paulo. Perguntado se teria trazido alguma ideia do Rio de Janeiro para a criação de seu cordão, Dionísio assim responde: “A ideia minha eu tirei de lá [...]. Não era nada de escola de samba, era de rancho” (Depoimento concedido em 1976, LAHO/CMU).

As comparações entre os carnavais paulista e carioca mencionam também a diferenciação rítmica entre ambos os modelos carnavalescos. São Nenê da Vila Matilde, mesmo acreditando que samba “é tudo uma coisa só”<sup>2</sup>, quando comenta a respeito das referências cariocas que traz para a capital paulista, deixa entrever uma suposta diferença entre o samba então praticado no Rio e em São Paulo:

*Ouvi jongo numa igreja da Penha, passei pelas rodas da Lapa. **E fiquei apaixonado pela batida da Mangueira. A batida de caixa, o estilo do surdo, era tudo diferente.** [...] Mostrei para o Paulistinha, ele acrescentou o chocalho no meio da bateria. O pessoal do Peruche, da Vai-Vai ficou de boca aberta, escutavam de longe. (São Nenê da Vila Matilde em matéria de Tom Cardoso, publicado em 01/03/2008, disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/22/samba-com-sotaque>)*

---

<sup>2</sup> NENÊ DA VILA MATILDE em matéria de Tom Cardoso, publicado em 01/03/2008, disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/22/samba-com-sotaque>

Se, por um lado, depoimentos como esses acima referidos conferem ao Rio de Janeiro a qualidade de modelo para o festejo carnavalesco paulistano, por outro lado, o tom de tantas outras declarações dos sambistas de São Paulo é, muitas vezes, lamentoso da descaracterização que a festa paulista sofrerá após a oficialização dos desfiles em 1968. Assim, por exemplo, em depoimento registrado no MIS-SP, Zezinho da Casa Verde diz: “Cordão era uma coisa linda, era o carnaval paulistano. Agora tá tudo muito igual ao carioca”. Geraldo Filme também lamenta a descaracterização que o samba de São Paulo teria sofrido após 1968, com a oficialização e adoção do modelo de carnaval carioca: “nós perdemos nossas características [...] de samba, de tudo, desde um simpósio que teve em 68, um simpósio no Rio<sup>3</sup>. Então o samba de São Paulo ficou... não ficou o que era [...]” (Depoimento concedido em 1981, LAHO/CMU). E Sêo Livinho declara sua preferência pelo modelo carnavalesco dos cordões e critica o exibicionismo que, segundo ele, caracterizaria os desfiles das escolas de samba:

*Eu acho que... de geração a geração, a outra geração de cordão eu achava muito melhor. [...] Aparece aquela barulheira só, mas cadência não aparece nada. Porque tudo que si exhibi, é escola de samba, é samba. Já cordão já havia mais organização, já havia mais ritmo, categoria, samba, cantos, organização melhor, né? (Depoimento de Sêo Livinho concedido em 1978, LAHO/CMU)*

A oficialização do carnaval de São Paulo é o ponto máximo de uma série de transformações que remontam as décadas de 1950 e 1960 e que estão relacionadas, em especial, às modificações do espaço urbano da cidade onde os festejos aconteciam. Desde últimos anos da década de 1940 e durante toda a década de 1950 muitos foram os cordões formados na cidade. Os cordões são agrupamentos carnavalescos que proliferaram na cidade a partir dos anos 1910, formados por homens e mulheres que percorriam as ruas da cidade na forma de um cortejo, acompanhados de um instrumental formado por pequenos conjuntos de choro – cordas e sopros – mais os instrumentos de percussão típicos do “samba rural” paulista: caixa, chocalho e bumbo (MORAES, 1978, p. 21-22). Desfilavam ao som de suas “marchas-sambadas”<sup>4</sup>, compostas por componentes do próprio cordão.

---

<sup>3</sup> Geraldo Filme provavelmente se refere ao III Simpósio do Samba, realizado no Rio de Janeiro no ano de 1969. Esses Simpósios começam a acontecer no início dos anos 1960, promovendo encontros entre os líderes sambistas do Rio de Janeiro e de São Paulo com o propósito de trocar experiências e buscar um diálogo com as autoridades e poderes públicos. O I Simpósio do Samba aconteceu em 1962, na cidade do Rio de Janeiro e o II Simpósio aconteceu em 1967, sendo sediado em Santos.

<sup>4</sup> Conforme Geraldo Filme define de maneira bastante simples, nos desfiles animados pela marcha-

Após o surgimento do Camisa Verde, em 1914, outros cordões se seguiram. Iêda Marques Britto associa o surgimento de novos cordões às rivalidades entre os sambistas, gerando dissidências e conseqüentemente novas agremiações. A partir dos anos 1930 essa rivalidade seria “especialmente acentuada” (BRITTO, 1986, p. 82), ocasionando, então, a formação de uma série de novos cordões carnavalescos. Cordões com vida efêmera, cordões que sobreviveram por longos anos, cordões que se transformaram em escolas de samba. Entre os anos 1940 e 1950 cordões se formaram nos mais diversos bairros da cidade, especialmente nos bairros negros e nas regiões onde se concentrava a população operária. Segundo Olga Von Simson, esses agrupamentos “formavam-se e desapareciam com grande facilidade, inspirados nos grupos de vizinhança [...]” (SIMSON, 2007, p. 106)

Um breve levantamento permite localizar alguns dos seguintes cordões ainda em atividade nos anos 1950: Paulistano da Glória, formado em 1946; Vai-Vai, cujo primeiro desfile acontece em 1930; Campos Elíseos, cordão de 1918 que desaparece no ano de 1960 (MORAES, 1978, p. 27); Camisa Verde, que ressurge em 1952 após um período de inatividade quando, em 1939 acaba deixando os desfiles em razão de uma crise interna (MORAES, 1978, p. 26). Além dos cordões, muitas também foram as escolas de samba que se formaram e que ganharam força nesse meados de século. A formação das primeiras escolas de samba em São Paulo data dos anos 1930, sendo a Lavapés (1937) a primeira escola que de fato permaneceu em atividade<sup>5</sup>. Depois dela outras se seguiram, como por exemplo, a escola Nenê de Vila Matilde, que desfilou pela primeira vez em 1948.

Assim como aconteceu com os cordões, muitas escolas de samba se formaram a partir de dissidências ou da iniciativa de antigos integrantes de escolas de samba, caso, por exemplo, da escola de Carlão do Peruche (1956), originada a partir da Lavapés. Gradualmente, entusiasmados pelo modelo carioca, cordões e blocos se tornam escolas de samba, em especial nos anos 1960. Do ponto de vista da contribuição financeira e apoio dos poderes públicos, os anos 1950 e 60 não representaram quaisquer melhorias nesse sentido, sendo que a única ocasião em que as agremiações receberam incentivos e

---

sambada, “se cantava a marcha, mas a bateria era um samba”. (Depoimento concedido em 1981, LAHO/CMU)

<sup>5</sup> Uma primeira tentativa de formação de escola de samba em São Paulo teria ocorrido em 1936, com a Escola de Samba Primeira de São Paulo. Além dela, diversos outros grupos se apresentavam como escolas de samba, mas cuja experiência não frutificou, e logo desvaneceram.

alguma ajuda de custo da parte da prefeitura de São Paulo para as festividades carnavalescas foi, segundo aponta Olga Von Simson, foi o IV Centenário da cidade, em 1954.

Somente após 1968 é que as agremiações passarão a contar com um auxílio e apoio oficial. No entanto, dada a adoção do modelo carnavalesco carioca, as escolas de samba é que contam com os investimentos públicos mais significativos, o que inviabiliza a manutenção e sobrevivência dos cordões. Com o pouco incentivo dado aos cordões, estes vão gradualmente se extinguindo e se transformando em escolas de samba, até que em 1972, Camisa Verde e Vai-Vai, os dois últimos cordões remanescentes, se tornam escolas de samba. No caso dos blocos, merecem destaque o bloco Mariposas Recuperadas, que saía pelas ruas da cidade desde 1952 e que em 1967 dá origem à escola de samba Mocidade Alegre; ou ainda do Bloco do Morro da Vila Maria, formado em 1954, e que dá origem à escola de samba Unidos da Vila Maria, em 1963 (AZEVEDO, 2006, p. 86).

O modelo da escola de samba, desde o início uma ideia importada do Rio de Janeiro, é, no entanto, apropriado pelos sambistas paulistas, que acabam imprimindo em suas escolas características muito semelhantes às que orientavam os desfiles dos cordões. A pesquisadora Olga Von Simson avalia que nessa década de 1950, cordões e escolas de samba “ainda tinham muito em comum em termos de criação cultural” (SIMSON, 2007, p. 118). A referência carioca foi fundamental para a formação das escolas de samba paulistanas, referência tanto do ponto de vista visual quanto musical, uma vez que os dirigentes das escolas de samba da cidade de então afirmam que suas escolas desfilam ao som do samba, e não da marcha-sambada que animava os desfiles dos cordões. Mas, em linhas gerais, a organização dos desfiles paulistanos, seus elementos constitutivos e a própria instrumentação ainda era respaldada no modelo carnavalesco do cordão.

Os elementos típicos dos desfiles de cordões, como a figura do baliza e a presença da corte, permanecem nos desfiles das escolas de samba da cidade, conforme indicam, por exemplo, o depoimento de Pé Rachado: “Na frente, naquele tempo, o Lavapés ainda usava baliza” ou o testemunho de Inocêncio Tobias: “Até quem bateu muito para tirar esse Rei e Rainha de Escola fui eu [...]. Porque as escolas não têm que ter Rei, Rainha, têm que ter as personagens do enredo, né?” (Apud MORAES, 1978, p.

57). O baliza desenvolvia importantes funções nos desfiles carnavalescos paulistanos<sup>6</sup>, e se tornou um elemento bastante característico tanto dos cordões como das escolas de samba da cidade. É no decorrer da década de 1960 que a figura do baliza vai perdendo expressão e espaço, muito em virtude do modelo das escolas cariocas, que chega a São Paulo por meio dos veículos de comunicação, em especial da incipiente televisão, que começa nessa década a transmitir os desfiles carnavalescos do Rio de Janeiro. Após a oficialização dos desfiles em São Paulo, a figura do baliza deixa definitivamente de existir. É também com a oficialização de 1968 que as personagens da corte deixam os desfiles, cedendo lugar ao mestre-sala e porta-bandeira.

Também com relação à bateria das escolas de samba de São Paulo nessas décadas que antecedem a oficialização de seu carnaval, os instrumentos são ainda os mesmos utilizados pelos cordões. Enquanto no Rio de Janeiro os instrumentos de sopro foram extintos dos desfiles das escolas já em 1933<sup>7</sup>, conforme consta no regulamento do concurso organizado pelo jornal O Globo e posteriormente no regulamento da União das Escolas de Samba, de 1934 (NAPOLITANO, 2007, p. 30), o uso de instrumentos de sopro nas escolas de samba de São Paulo permanece na maior parte das escolas até 1968. Sêo Alcides Marcondes menciona a presença do trombone na Lavapés (Apud MORAES, 1978, p. 53), Sêo Livinho fala dos clarins, que abriam os desfiles, e também do trombone de vara e do clarinete (depoimento concedido em 1981, LAHO/CMU) e Pé Rachado se refere também ao trombone como instrumento tocado nos desfiles da escola Brinco de Ouro (MORAES, 1978, p. 54).

Apesar da permanência nas escolas de samba de grande parte do conjunto instrumental que animava os desfiles dos cordões, uma diferença musical marca uma importante distinção entre escola e cordão. Enquanto o cordão desfila ao som da “marcha-sambada”, a escola de samba desfila ao som dos sambas. A diferença mais fundamental entre o cordão e a escola de samba nesse período que antecede a

---

<sup>6</sup> O baliza seguia à frente do cortejo, abrindo espaço entre a multidão e posteriormente assumindo a função de defesa do estandarte da agremiação. Por isso, no início apenas os homens exerciam o papel do baliza.

<sup>7</sup> A proibição dos instrumentos de sopro nos desfiles cariocas marca uma diferença entre os desfiles dos ranchos e das escolas de samba, uma vez que os primeiros levavam instrumentos de sopro em seu cortejo. Já no caso da obrigatoriedade da ala das baianas, trazida nesse mesmo regulamento de 1933 e no posterior regulamento da UES de 1934, o que ocorre é uma assimilação de um dos elementos constituintes dos ranchos, incorporando a ala das baianas aos desfiles das escolas de samba (CABRAL, 1996).

oficialização dos desfiles de São Paulo é, portanto, o ritmo que acompanha o cortejo. Importante destacar que, no decorrer dos anos 1950, os próprios cordões passam, gradualmente, a adotar o samba como ritmo de seus desfiles. Segundo Inocêncio Tobias, a partir de 1955 o Camisa Verde introduz o samba em seu repertório nos desfiles, experiência que também foi adotada pelo Vai-Vai (Apud MORAES, 1978, p. 61).

Assim, a diferença entre cordão e escola de samba vai se acentuando no decorrer dos anos 1950 e 60, da mesma maneira como se acentua a aproximação entre o carnaval paulista e o modelo carioca nessas mesmas décadas que antecedem a oficialização. As primeiras escolas de samba, à maneira dos cordões, não apresentavam um enredo, mas seguiam um tema no qual baseavam suas fantasias, sem que houvesse necessidade de as letras dos sambas estarem relacionadas a esse tema geral. A escola Nenê de Vila Matilde, em 1956, é a primeira escola a desfilar com samba enredo na história dos desfiles de São Paulo<sup>8</sup>. É também São Nenê quem traz, antes da regulamentação de 1968, a referência rítmica do samba carioca para as escolas de São Paulo:

*[...] o Popó [compositor do primeiro samba-enredo de São Paulo, Casa Grande & Senzala, 1956] ficou com a gente teimando como é que nós podia mudá o ritmo e, quando foi em 59, com a Chica da Silva, nós mudamo o ritmo. Conseguimo fazer Vila Matilde tocar o estilo do Rio. (Depoimento de São Nenê concedido em 1981, LAHO/CMU)*

A esse respeito, importante destacar que chega a ser consensual entre os sambistas paulistanos a ideia de que a base rítmica dos desfiles de São Paulo apresenta características próprias até que o modelo carioca seja adotado. Se para São Nenê a importação da rítmica carioca era pretendida sem que isso significasse prejuízo para a tradição dos desfiles de São Paulo, para Geraldo Filme o processo de “descaracterização” que o Camisa Verde sofreu estaria intrinsecamente associado à competição carnavalesca acirrada com o modelo das escolas de samba, já que “na gana pela competição” é que o cordão “foi introduzindo esse negócio do ritmo carioca, esse negócio todo”. Interessante é seu depoimento, que segue transcrito:

---

<sup>8</sup> Segundo São Nenê, nas memórias colhidas por Ana Braia (2000), as escolas de samba, antes de 1956: “Cantavam muitas músicas de carnaval, músicas que tocavam nas rádios.” A congruência entre o tema e a letra do samba-enredo só será uma exigência após 1968. A citação de São Nenê também merece reflexão, pois menciona que as escolas cantavam músicas das rádios, enquanto os cordões cantavam composições dos próprios integrantes.

*O Inocência [Tobias] ficava louco, ele mesmo trouxe quando eles sentiam: 'Eu não quero esses cariocas aqui', tinha aquela bronca danada: 'Tá fugindo, não tem nada a ver com a gente isso aqui'. Sentiam que tava começando a ficar com o samba leve, não tem nada a ver com aquele peso que a gente costumava sair rasgando pela avenida, tá entendendo? Ele sentiu que estava perdendo aquele peso todo. (Depoimento de Geraldo Filme concedido em 1981. LAHO/CMU)*

Além da reprovação a que elementos importados do Rio de Janeiro sejam incorporados pelo samba de São Paulo, há nessas palavras de Geraldo Filme uma impressão muito comumente relatada: a de que o samba que ambientava os desfiles de São Paulo era um samba mais “pesado”. Essa ideia era sustentada em razão do tipo de instrumentação que compunha as baterias das escolas em São Paulo, marcada pela presença de surdos, caixas e bumbos. Essa instrumentação era a mesma dos cordões de São Paulo, e como já se disse, foram mantidas nos desfiles das escolas de samba no período que antecede o ano de 1968. Esse instrumental era também a marca do chamado “samba-rural”, ambientado em cidades do interior do Estado de São Paulo desde o século XIX e associado à parte profana de festividades religiosas como a Festa de Bom Jesus de Pirapora.

A prática do “samba-rural” é identificada com a cultura negra, já que “os negros costumeiramente participavam dos festejos católicos, principalmente em Pirapora, onde buscavam sobretudo suas raízes culturais e reciclar a prática do samba” (MORAES, 1997, p. 93). O samba era executado por instrumentos de percussão, fundamentalmente a caixa, o chocalho e o bumbo. Osvaldinho da Cuíca menciona outros instrumentos comuns ao “samba-rural”, como o reco-reco (tradicionalmente feito de chifre, conforme sua origem bantu) e, às vezes, o pandeiro (depoimento de Osvaldinho da Cuíca no Documentário *Bumbo dá Samba*, Campinas, 2003), e que também estarão presentes nos desfiles de cordões e escolas de samba.

Juntamente a essa instrumentação “pesada”, porém, é preciso que se diga que as “miudezas” características das baterias das escolas cariocas já se faziam presentes nas escolas de São Paulo nessas décadas de 1950 e 60. Na seguinte fala de Inocência Tobias, em que exemplifica certa disputa entre o Camisa e o Vai-Vai, fica assim referida a presença de instrumentos “leves” nas escolas de samba de São Paulo:

*[...] naquele tempo tinha chocalho, surdo e caixa, né. Então eu pus agogô. Que o agogô, eu falei: “Vou botar agogô que é pra entrosar, né.”... E esse ano, então, o Pé Rachado disse assim: “Não, eles botaram agogô eu vou por*

*cuíca”... É, ele disse que ia por cuíca, eu disse: “Você vai por cuíca, eu vou também”... Nós botamos cuíca também. (Apud MORAES, 1978, p. 61)*

A escola de São Nenê da Vila Matilde, em seu primeiro desfile apresenta além do surdo, tamborim, cuíca e frigideira (MORAES, 1978, p. 57), e Osvaldinho da Cuíca menciona, entre a instrumentação “pesada” garantida pelo surdo, caixas e zabumba, a presença do tamborim, cuíca, frigideira e prato no instrumental dos desfiles paulistanos (Apud MORAES, 1978, p. 59). Assim, ao longo dos anos 1950 e 1960, mesmo com a manutenção de muitos dos elementos dos cordões, as escolas de samba vão gradualmente imprimindo transformações em seus formatos, inspiradas no sucesso do modelo carioca.

Além disso, o intenso processo de metropolização vivido pela cidade acarretará em outras transformações nos festejos carnavalescos, grande parte deles ambientado nas ruas da cidade. A tradicional ida a Pirapora, por exemplo, era uma prática corriqueira tanto entre os integrantes dos cordões quanto das escolas de samba, que peregrinavam em romaria por ocasião da festa de Bom Jesus de Pirapora, no mês de agosto. A partir dos anos 1940, a demolição dos barracões por parte da Igreja Católica, em prejuízo da tradição do samba na festa, acabou reduzindo também as costumeiras romarias dos grupos de cordões. Em consequência disso, há depoimentos que relatam a ida em romaria a Aparecida do Norte nos anos 1950 na época que antecede os festejos carnavalescos em busca de proteção.

A pesquisadora do carnaval paulistano Olga Von Simson avalia que a escassez de imóveis disponíveis no início da década de 1950 e a consequente alta dos preços, aliadas ao encarecimento dos materiais de construção, provocarão um deslocamento de muitas famílias para outras regiões da cidade (como a zona norte): “Nesse rápido processo de reordenação populacional na cidade, muitas entidades carnavalescas acabaram desaparecendo, mas algumas, mais antigas e estruturadas, foram capazes de sobreviver.” (SIMSON, 2007, p. 183)

Também o folguedo branco sofre modificações com as transformações do espaço urbano. No início do século XX, os bairros operários da Lapa, Brás e Água Branca, habitados fundamentalmente por trabalhadores brancos, que desenvolvem suas manifestações e diversões carnavalescas nos espaços das ruas e dos salões. O curso do Brás, por exemplo, divertimento mais popular do que o curso da Avenida Paulista,

existiu desde a década de 1920, e conheceu sua decadência a partir dos anos 1950, quando, após a Segunda Guerra, as transformações no bairro acarretaram uma modificação da população, muitas vezes na forma de deslocamentos para outras regiões da cidade em virtude de alterações no setor imobiliário. Seguiu-se uma tentativa de reanimação do folguedo, quando o governo municipal transfere o tradicional desfile dos corsos para a Avenida São João. Durante alguns anos os desfiles acontecem, mas no final da década de 1950 eles se extinguem (SIMSON, 2007, p. 48). Também os bailes de carnaval que aconteciam em diversos clubes na região da Lapa e da Água Branca, por exemplo, acabaram entrando em decadência e desapareceram nos primeiros anos da década de 1950, obscurecidos em virtude dos grandes bailes de carnaval organizados no Parque Antártica desde o final da década de 1940.

Cabe dizer que a transferência dos desfiles de cordões para o Parque Antártica, já no início dos anos 1940 – local que abrigava a Cidade da Folia, onde eram promovidos concursos carnavalescos com premiações em dinheiro – acirrou a concorrência entre os cordões e estabeleceu padronizações que preconizaram seu declínio nos anos 1960. Na memória de Geraldo Filme, apesar de em outros depoimentos ele mencionar as festividades que aconteciam nas ruas e depois se dirigiam para a Cidade da Folia, essa transferência dos desfiles está ligada à perda de espaço na cidade:

*A gente tomava o bonde, fantasiado, ia na Cidade da Folia, **que é um reduto de samba que se criou na década de 40, quando nós perdemos o direito de brincar na rua.** Lá no Parque Antártica, naquela área onde tem o campo do Palmeiras, foi criada a Cidade da Folia, com animação pela Rádio São Paulo, do falecido Otávio Gabus Mendes. Então, levava os cordões e as escolas pra lá. (Depoimento de Geraldo Filme em *A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*. Apud AZEVEDO, 2006, p. 73)*

Na década de 1960 os desfiles passam para o Parque do Ibirapuera, espaço onde aconteciam desfiles e concursos carnavalescos como os organizados pela Rádio Record. Conforme rememora Mala, da escola Acadêmicos do Tatuapé, tratava-se de um recinto fechado, e a entrada para assistirem aos desfiles estava condicionada ao pagamento prévio (Depoimento concedido em 1981, LAHO/CMU). Todas essas transformações culminam com a oficialização dos desfiles paulistanos, de 1968, tendo o regulamento carioca como modelo para seu carnaval. De acordo com relatos de sambistas paulistanos:

[...] o Bumbo e as demais características deste Samba específico, como os Bonecões e Cabeções, construções plásticas associadas à brincadeira, ainda presentes no interior do Estado, desapareceram totalmente da capital a partir da oficialização do desfile das Escolas de Samba carioca em 1968. (MANZATTI, 2005, p. 95)

Interessante mencionar que, ainda após a oficialização dos desfiles, em 1968, há a persistência dos instrumentos de sopro, conforme depoimento de Jangada<sup>9</sup>, a respeito dos clarins, instrumentos que abriam os desfiles dos cordões e que permaneceram nos desfiles da Lavapés: “eu mesmo no Carnaval de 71, o primeiro carnaval que eu fiz no Lavapés, tive a maior discussão com a velha, Eunice, porque era tradição no Lavapés vir com clarim, um clarim dentro do Lavapés” (depoimento de Jangada concedido em 1977, LAHO/CMU). Também merece nota a gravação do álbum que foi lançado em 1969 sob o título *Escolas de Samba de São Paulo*, que contém gravações dos sambas que animaram os desfiles daquele ano interpretados pelas vozes de Geraldo Filme e Carmélia Alves. Interessante notar que o álbum foi lançado no ano seguinte ao da oficialização dos desfiles na cidade e que, mesmo com a extinção dos instrumentos de sopro nos desfiles que o regimento carioca trazia, optou-se por incluir nas gravações do álbum solos e frases de contracanto com instrumentos de sopro, como o trombone. Além dos sopros, o álbum inclui instrumentos típicos do samba-rural como o bumbo e o reco-reco, reminiscências, portanto, de um tempo passado que os sambistas da cidade – ainda em meio a tantas transformações – não querem esquecer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, Amaílton Magno. *A Memória Musical de Geraldo Filme. Os sambas e as micro-Áfricas em São Paulo*. São Paulo: PUC, 2006.

---

<sup>9</sup> Marco Aurélio Guimarães, o Jangada, é um jornalista carioca que veio para São Paulo nos final dos anos 1960, e atuou na escola de samba Lavapés. Nas palavras do dramaturgo Plínio Marcos: “[Jangada] Chegou dizendo que São Paulo não dava samba, arrumou muitos atritos, mas acabou indo ver o samba da Paulicéia de perto. Gostou de alguma coisa, de outras não, mas entrou em tudo. Não vai mais embora. É uma figura folclórica, briga por qualquer coisinha, mas é uma alma boa que não vacila em ajudar sambistas e escolas de samba pequenas. Não tem preço a contribuição que o Jangada vem dando ao samba aqui em São Paulo.” (MARCOS, Plínio. “Cariocas no Samba Paulista”. In: *Folha de São Paulo*, domingo, 5 de dezembro de 1976.

Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/plinio\\_marcos\\_cariocas\\_no\\_samba\\_paulista.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/plinio_marcos_cariocas_no_samba_paulista.htm)

BRITTO, Ieda Marques. *Samba na Cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo: FFLCH/USP, 1996 (Antropologia).

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

MANZATTI, Marcelo Simon. *Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista*. São Paulo: PUC/SP, 2005 (dissertação de mestrado)

MARCOS, Plínio. “Cariocas no Samba Paulista”. In: *Folha de São Paulo*, domingo, 5 de dezembro de 1976.

MORAES, José Geraldo Vinci. *As Sonoridades Paulistas: a música popular na cidade de São Paulo – final do século XIX ao início do século XX*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

MORAES, Wilson Rodrigues de. *Escolas de Samba de São Paulo*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

NAPOLITANO, Marcos. *A síncope das idéias: a questão da tradição na música popular brasileira*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

SILVA, Alberto Alves da Silva e BRAIA, Ana. *Memórias do Seu Nenê da Vila Matilde*. São Paulo: Lemos-Editorial, 2000

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano: 1914-1988*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007 (tese data de 1989).

Depoimentos registrados no Laboratório de História Oral do Centro de Memória da Unicamp (LAHO/CMU)

Entrevista concedida por São Nenê da Vila Matilde em matéria de Tom Cardoso, publicado em 01/03/2008, disponível em:

<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/22/samba-com-sotaque>

**Documentário:** TOLEDO, Cecília (orient.). *Bumbo dá Samba*. 2003 (projeto experimental em Jornalismo, PUC-Campinas)